Marcelo Paulo Berbeki

Vila do Mistério

O Sinistro e Medonho Monstro da Floresta

PROLOGO

Hoje excepcionalmente Rivanor segue o caminho para sua casa a pé.

Já é noite e, como de costume, está vindo do bar onde regularmente faz sua parada estratégica e etílica logo após terminar mais um dia monótono de trabalho em uma fazenda. Normalmente não precisa fazer todo este trajeto a pé, já que, quase sempre, consegue uma carona, mesmo que para isso precise ser extremamente chato e persistente, coisa que faz com naturalidade após alguns goles. Esta noite, no entanto, não havia ninguém que pudesse lhe economizar a caminhada de quase cinco quilômetros até sua casa.

Procurando cortar caminho e até mesmo graças ao seu elevado grau etílico que lhe dá uma coragem sobre-humana, resolve sair da estrada e seguir pela mata que ainda resiste bravamente neste cantinho isolado do sul do Brasil. Batizada pelos índios que residiam há muito neste local de "caabaçai", que significa algo como "floresta do espírito maligno", é uma mata cercada de inúmeras histórias, lendas e mistérios.

Convencendo a si próprio que as lendas sobre a floresta não passam realmente de lendas, Rivanor puxa seu velho cachimbo do bolso e com muita dificuldade, cambaleando de um lado para outro, acende e traga de forma a amenizar o ar frio que entra em seus pulmões. É outono e a temperatura está, como de costume neste local, extremamente baixa. O luar torna a noite menos escura apesar de que uma névoa fraca e irritante começar a tomar conta de tudo.

Respirando fundo Rivanor dá uma bambeada, volta a equilibrar-se e decidido entra na floresta.

É uma floresta típica dos sul do Brasil, com a diferença que esta é muito bem preservada com suas grandes e velhas árvores repletas de parasitas que formam grandes barbas acinzentadas. Há ainda muitos cipós que pendem de árvores cobertas de musgo verde e muitas, mas muitas araucárias. O chão é todo forrado por gramíneas e folhas secas. Na verdade, mais folhas secas que gramíneas, já que pouca coisa nasce neste local onde, por mais que se esforce a luz solar não consegue entrar. De qualquer forma, é impossível ver a terra.

Tudo é extremamente úmido, demasiadamente frio e, obviamente, muito sinistro.

Dentro da mata a névoa se anima e torna-se ainda mais espessa contribuindo, juntamente com as fechadas copas das árvores que ocultam a luz do luar, para tornar o lugar mais escuro e claustrofóbico. O ruído causado por animais e insetos é evidente, mostrando quanta vida acaba existindo e levando despreocupadamente sua rotina diária em um ambiente preservado como este.

Gradativamente, quanto mais adentra a mata, mais a névoa torna-se espessa.

Em determinado ponto, Rivanor nota com certa estranheza que tudo fica no mais completo silêncio. Não existe mais o cantar dos pássaros noturnos nem o zumbido dos insetos, parece não haver vida neste pedaço de mata ou, se há, tem um bom motivo para não se manifestar. O frio aumenta dramaticamente e Rivanor esfrega e assopra em suas mãos tentando aquecê-las. Não consegue ter certeza se suas pernas estão tremendo pelo frio ou pelo medo que está começando a sentir.

Um sentimento ruim começa a tomar conta de Rivanor que passa a ter impressão que está sendo observado. Um estado de tensão se apresenta e seus sentidos ficam mais apurados graças à adrenalina que seu cérebro que seu corpo começa a despejar compulsivamente em seu cérebro. Suas pupilas se dilatam para que possa enxergar melhor, coisa que não está fácil graças à névoa irritante que está agora muito mais espessa e também, porque não, graças as imagens dúbias e distorcidas criadas pela sua bebedeira. Ele apura sua audição tentando ouvir algum eventual perigo, mas tudo que consegue ouvir é o som de sua própria e ofegante respiração.

Ele olha atentamente, quão atentamente consegue, para todos os lados, cambaleando e tentando identificar algo que lhe ofereça algum risco e, não encontrando nada, após alguns segundos se convence de que é apenas sua imaginação querendo ser engraçada e lhe pregando uma peça. Então, convencido disto prossegue seu caminho.

Com a intenção de controlar seu, aparentemente irracional, medo, Rivanor passa a monitorar seus pensamentos tendo o cuidado em pensar em outras coisas, em coisas agradáveis, tentando distrair-se até sair desta mata escura e sombria. Seus pensamentos, no entanto, são interrompidos por um som macabro que corta o silencio sepulcral da mata como um canivete afiado e quase como um gemido, o chama:

- Ri-va-nor...

Seus pelos eriçam a ponto de seus cabelos quase saírem do couro cabeludo, seu coração dispara e salta no peito. Rivanor tem a certeza de que não fosse por estar com a boca fechada graças ao cachimbo seu coração sairia por ela e correria para salvar-se. Imediatamente em um gesto mecânico tira de seu bolso um isqueiro e, mesmo com imensa dificuldade, utilizando ambas as mãos, o acende.

- Quem está ai? – Pergunta Rivanor com dificuldade e apavorado vira-se cambaleante em todas as direções apontando seu isqueiro tentando descobrir quem o chamou.

- Ri-va-nor... – fala novamente o som em forma de gemido que parece vir de todas as direções. Parece estar em volta de Rivanor.

- Quem está ai? – Pergunta novamente Rivanor quase chorando de pânico, deixando seu cachimbo cair - O que você quer? – Prossegue ofegante virando-se para todos os lados com o isqueiro acesso, caindo e levantando do chão úmido da mata.

Um arbusto chacoalha ao seu lado e Rivanor, apontando seu isqueiro nesta direção, força a vista tentando identificar o que está ali, quando rapidamente um vulto pequeno passa correndo animado pela sua esquerda. Por impulso ele vira-se na direção do vulto quando novamente o vulto pequeno passa, ainda animado, agora por trás dele.

Decidido a não querer mais saber quem está lhe chamando, porque, neste momento esta informação não parece ter nenhuma importância, Rivanor sai correndo desesperadamente tentando sair o quanto antes daquele lugar maldito. O medo extremo que está sentindo o ajuda a melhorar um pouco do porre e a desviar-se das inúmeras árvores que surgem desagradavelmente em sua frente. Ele não olha para traz, quer somente chegar a sua casa o mais rápido possível, porém, sua pressa é interrompida por um tropeço em uma raiz de arvore que decidiu sair da terra mesmo sem ter um bom motivo e ele cai com toda força que a gravidade pode exercer, sobre o chão coberto de folhas secas soltando um grito de dor após bater com o nariz no chão.

- Ri-va-nor... – chama novamente a voz que parece um chiado – vim te buscar... – completa com uma voz fria e cruel.

Sentado no chão úmido Rivanor acende novamente seu isqueiro apontando para todas as direções com seus olhos arregalados e nariz doendo, procurando a

origem da sinistra voz. Novamente um vulto pequeno passa animadamente, agora pela sua frente. Rivanor sai arrastando-se para traz, ainda no chão, decidido a fugir de seja lá o que for.

- QUEM É VOCÊ? – Grita Rivanor agora tentando tomar impulso para levantar-se.

Novamente a estranha, e animada, figura se torna visível, só que agora, está ao lado de Rivanor, a uns poucos centímetros de seu rosto. Virando-se para criatura, Rivanor pode ver claramente seus terríveis olhos amarelos. Em uma atitude de desespero tenta levar seu punho ao encontro dos olhos amarelos, mas é impedido. Sem opção melhor tenta levantar-se, mas novamente é impedido por algo que segura um de seus pés e ele cai novamente no chão úmido enquanto sente seu corpo ser puxado em direção à sinistra figura.

Ainda tenta segurar-se enfiando seus dedos pelo solo coberto de folhas, porém, tudo que consegue é limpar um pedaço do solo tornando visível a terra preta que está escondida abaixo das folhas.

Logo o silêncio da noite é quebrado pelo grito desesperado de Rivanor.

Infelizmente para ele, o grito não tem efeito algum, já que nesta floresta não havia ninguém para ouvi-lo, ao menos, ninguém que pudesse ou tivesse disposto a ajudá-lo. Em poucos segundos seus gritos cessam deixando o silencio que, aos poucos também vai embora quando os seres que vivem neste pedaço de floresta decidem que é seguro voltar a sua agradável e simples vida selvagem.

CAPITULO 1

O dia clareia, ou ao menos, tenta clarear, na pequena cidade de Avalon.

Seus habitantes começam a acordar, da mesma forma como sempre fizeram os seres humanos desde o tempo em que ainda não haviam descido das árvores, impulsionados pela luz do astro rei, apesar do astro rei não ter muita influencia neste lugar onde o céu está quase sempre cinza e encoberto de nuvens, e se preparam para mais um dia de sua rotina diária, seja ela qual for.

É interessante como a rotina diária de cada um possa ser tão importante para este ser que pretende mantê-la a todo custo, mesmo tendo absoluta certeza de que não gostariam de manter aquela rotina, muitas vezes entediante, cansativa e extremamente chata. Infelizmente para todos os primatas evoluídos que se

autointitulam Homo Sapiens, esta rotina é necessária e, tão importante que, pensam alguns, poderia causar a aniquilação total da raça humana se alguém resolver mandá-la as favas e sais por ai curtindo a vida. E essa indesejável rotina diária não poupa ninguém, nem mesmo os alunos da única escola da cidade.

Entre estes alunos está Anne Velda, uma garota de doze anos que não se preocupa muito com sua aparência. Seu estilo padrão é formado por roupas surradas e cabelos um tanto quanto desgrenhados, como se acabasse de sair de uma feroz briga com o pente e houvesse perdido.

Não está nem ai com o que os outros vão pensar, ou falar, dela.

Nasceu nesta importante cidade isolada quase no limite sul do Brasil. Cidade esta normalmente conhecida apenas pelos seus habitantes e mais ninguém. Não bastasse o isolamento da cidade, Anne mora com sua mãe na área rural em um pequeno sítio bastante isolado do restante da cidade. Sua casa é pequena e construída de pequenos blocos de pedra cuidadosamente empilhados uns sobre os outros que dão a impressão de que vão desmoronar a qualquer momento, as janelas são venezianas, bastante velhas e desgastadas e o telhado com duas caídas é coberto de velhas telhas de barro cozido.

Transpassando o telhado, uma chaminé de tijolos se eleva e solta uma tênue fumaça, sinal que o fogão a lenha está aceso. O fogão, assim como na maioria das residências rurais do sul do Brasil, tem dupla função: cozinhar os alimentos e aquecer a casa. Abaixo do fogão, em uma caixinha de madeira, dois filhotes de gatinhos dormem despreocupados aquecidos pelo calor proporcionado pelo fogão enquanto sua mãe gata, esta sim preocupada, persegue a dona da casa em busca de alimento.

Brianna, a mãe de Anne segue para um pequeno estábulo, aquele lugar onde guardam as vacas, carregando um velho balde de metal enquanto é seguida pela gata, a preocupada mãe dos gatinhos. Ao contrário do que era esperado, dentro do estábulo não existem animais, apenas alguns objetos. Entre eles um cabresto, aquele acessório de couro usado justamente para prender as vacas.

Ela posiciona o balde de metal sob o cabresto e começa a passar sua mão esquerda ao longo do mesmo cabresto em um movimento constante para baixo enquanto repete uma série de palavras, uma espécie de mantra. Em pouco tempo começa a escorrer leite pelo objeto pingando no balde de metal.

O processo continua até que o balde fique completamente cheio, então Brianna o leva para dentro de casa, enche a travessa da gata, a agora não mais tão preocupada mãe dos gatinhos, com leite e as duas, Brianna e Anne tomam um delicioso e nutritivo café da manhã com leite fresco de vaca.

Como sempre Anne está ansiosa e feliz por ir à aula. Parece algo estranho para uma adolescente, porém, como sua residência fica em um local tão, tão afastado, diria até, quase no fim do mundo, a escola é o lugar onde pode ter contato com outros de sua idade.

Em outro ponto da cidade de Avalon, agora não mais na região rural e sim no centro da pitoresca e pequena (minúscula) cidade, mais dois alunos também se preparam para ir à escola, porém, diferentemente de Anne, estes não partilham da mesma alegria da garota.

- Não quero ir a esta escola! – Fala Maximiliano, nome dado em homenagem a seu avô, mas que prefere ser chamado de Max, à mesa tomando café com seu pai – Não aguento mais mudar de escola o tempo todo. – Reclama ele indignado.

- E você acha que eu gosto de viver assim? – Concorda Antonio Ukrytyski, popularmente conhecido pelos seus filhos como pai Toninho – Agora será diferente Max. – Promete ele - Não precisaremos nos mudar deste lugar, pelo jeito encontramos o lugar ideal para vivermos, quer dizer... um lugar isolado onde não nos encontrarão porque, ideal mesmo né, nunca é... – Toninho é famoso por ser azedo e resmungão, do tipo que está sempre reclamando de algo - Você poderá ter os amigos que quiser sem se preocupar que os deixará em breve. Agora ficaremos aqui em definitivo!

- Você já havia falado isso em outras cidades por onde passamos... – comenta Max enfiando na boca uma colherada de cereal matinal com iogurte.

- Eu não ficarei neste lugar! – Interrompe Lucíola, agora homenagem à avó de Antonio, que prefere ser chamada pelo apelido de Luca.

É incrível como brasileiro gosta de apelido, talvez se deva a dificuldade em se trocar oficialmente de nome e ter que conviver a vida inteira com um nome nada bonito e que seus pais gostaram ou com o qual quiseram homenagear alguém. Ela é irmã de Max e está chegando à mesa para também tomar café da manhã.

Luca é adepta da religião Wicca e gosta de manter um visual gótico e sombrio, com roupas pretas e maquiagem escura. Seu cabelo é curto estilo Chanel e pintado de azul, sua pele é bem branca e tenta mate-la sempre assim. Certamente não terá problemas nesta região fria e insalubre do sul do Brasil. Sentando-se a mesa, ela continua:

- Já vou fazer dezoito anos, ao contrário de certas pessoas que tem apenas treze – fala ela olhando para seu irmão Max em nítida provocação -, assim que terminar este ano, vou embora para um lugar menos... quer dizer, para um lugar que não seja completamente isolado. Voltarei para Curitiba!

Avalon é uma cidadezinha, na verdade, é basicamente uma vila, construída em um local ermo e de difícil acesso, praticamente isolada do restante do mundo. O lugar era considerado sagrado pelos seus antigos habitantes, os índios Carijós, obviamente expulsos pelos novos habitantes, os Europeus. A cidade é cercada quase que totalmente por montanhas e, em um de seus lados, por um mar agitado e gelado, alimentado pelas correntes marinhas originarias da antártica. Este mesmo mar castiga uma costa rochosa quase sem praias, repleta de paredões formando uma verdadeira muralha com pouquíssimos lugares para ancorar. A população da cidade, que poderia facilmente ser chamada de vila, não é de mais que três mil habitantes e, salvo poucas exceções, são todos descendentes dos primeiros imigrantes do lugar.

Diz à lenda que os primeiros habitantes de Avalon não chegaram. Foram jogados neste lugar.

Um navio inglês do século XVIII que seguia para Argentina foi pego por uma tempestade, algo comum nesta região e foi gentilmente jogado pelo mar contra os rochedos. Inexplicavelmente alguns sobreviveram, sempre alguém sobrevive, e acabaram gostando do lugar, dos índios (ou índias) Carijós e do isolamento e resolveram formar suas famílias por aqui. Com o tempo alguns voltaram à civilização e espalharam a noticia do lugar longe do alcance dos reinados, dos impostos e, principalmente, longe da santa inquisição católica que continuava perseguir supostos bruxos, bruxas, feiticeiros, alquimistas, hereges e todo tipo de gente que não agisse como eles queriam.

É o local perfeito para quem quer se esconder ou está procurando o isolamento. O próprio nome da cidade foi uma homenagem à ilha mítica, e oculta, de Avalon, aquela mesmo da lenda do Rei Arthur.

Até a chegada de uma rodovia estadual construída graças lobby dos fazendeiros locais que precisavam escoar sua produção, a única forma de chegar e sair da cidade era respirar fundo, fazer uma oração com muita fé e enfrentar o gelado e traiçoeiro mar em pequenos barcos que, não raras vezes, acabavam destroçados quando arremessados sem nenhuma piedade pelo mar contra os rochedos.

Certamente deveria haver bons motivos para vir ou para sair de Avalon.

- Confesso que sentirei uma pitada de inveja por você poder voltar para uma cidade grande... – fala Antonio pegando gentilmente nas mãos de sua filha Luca – mas, se esta é sua vontade, se será feliz assim, não posso impedi-la. Sentiremos saudades suas minha filha!

- Fale por você pai. Eu não sentirei saudades nenhuma! – Interrompe Max ao que Luca lhe faz uma careta de desdém. Lógico que sentirão falta um do outro, apesar das rusgas, típicas entre irmãos, eles se amam e, todos estes anos fugindo de um lugar para outro com seu pai, fez com que ficassem ainda mais próximos.

- Mas – continua pai Toninho -, após completar dezoito anos, poderá ir para onde quiser. Também gostaria de voltar para Curitiba. Infelizmente, como já conversamos, é impossível para mim. Para Curitiba ou para qualquer outro lugar...

CAPITULO 2

A aula corre normal e entediante para Max. O mesmo não pode ser dito do intervalo.

Estava ele sentado tranquilamente na companhia de seu tablet na arquibancada ginásio de esportes do colégio. Sempre gostou muito de tecnologia e é algo que lhe parece sempre muito simples e muito fácil de entender. É seu refugio nesta maratona de escola em escola, cidade em cidade, juntamente com sua irmã e seu pai. Seu principal passatempo é invadir sistemas seguros ou, chamados de seguros já que se fossem seguros de verdade ninguém invadiria. Não tem nenhum motivo prático em sua invasão, como roubar ou danificar alguma coisa, a única coisa que procura é o inebriante prazer de conseguir.

Seu passatempo com o tablet, no entanto, é interrompido e o site da empresa vítima respira com certo alivio por ganhar um pouco mais de tempo. O motivo da interrupção é um, já conhecido de Max. Um ato totalmente covarde.

A alguns metros de onde está sentado, um grupo de três garotos, um deles de sua classe, perturbam outro menino, também de sua turma. Nitidamente o infeliz está sofrendo bulling. O que Max acha mais bizarro na cena é que o menino que está sendo humilhado é muito maior e mais forte que os outros três. O garoto é afrodescendente, tipo jogador da MBA. Deve ter perto de um metro e noventa de altura e não é vareta, ao contrário, é muito forte.

No entanto, contrariando o senso comum, o grandalhão não reage à agressão.

Todas estas andanças com seu pai fizeram com que Max sofresse bulling como novato nas primeiras escolas em que estudou, nas primeiras cidades onde moraram, até que, decidiu que reagiria, mesmo tendo um porte de "chassi de grilo" e sendo baixinho.

Começou a praticar algumas artes marciais nas quais aprendeu alguns golpes que se mostraram bastante úteis, apesar de ter sempre que abandonar as aulas, pois estão constantemente de mudança. O que sua experiência lhe ensinou é que os covardes parecem farejar o medo e se aproveitam dos que nutrem este sentimento.

Na tentativa de livrar-se de seu medo, Max optou seguir pelo caminho mais difícil, mas certamente o único: enfrentá-lo.

No começo apanhou muito. Seu rosto normalmente parecia com o de um pugilista saindo do último assalto de uma luta violenta. Chegou ao ponto de não mais lembrar de sua aparência normal sem o inchaço e os roxos, porém descobriu que a dor da surra é muito menor que a dor de ser constantemente humilhado. Com o tempo, parou de apanhar. Com o tempo, aprendeu a se defender.

Ficou imaginando se tivesse o porte físico daquele garoto que está sofrendo bulling, certamente teria apanhado menos ou nem teria apanhado.

Outra coisa que aprendeu de todas estas mudanças de escola é não se meter com brigas de alunos que não conhece, afinal, nunca se sabe quem tem razão. Decidiu que o melhor a fazer neste caso era concentrar-se em seu tablet e não dar bola para o que estava acontecendo.

Infelizmente, por mais que utilizasse de toda sua vontade para não se meter, não conseguiu.

Dedadas em seu tablet e uma olhada no grupo, dedadas no seu tablet e uma olhada no grupo... não conseguia parar de olhar naquela absurda cena de covardia. A gota de água foi quando um dos garotos, um ruivo que está em sua classe, dá um tapa no rosto do menino grandalhão. O sangue de Max sobe e ele larga seu tablet e corre furioso em direção ao grupo.

- Parem com isso! – Grita ao chegar próximo o suficiente – Deixem-no em paz!

- Olha quem resolveu falar?!? – Zomba o ruivo indo com o peito estufado, praticamente um pombo, em direção a Max, que percebe desanimado, que o ruivo também é maior que ele. Parando a sua frente o ruivo completa com o dedo indicador apontado para o nariz de Max – Quer um conselho novato – daria o conselho mesmo que Max não o quisesse -, não se meta com o que não é de sua conta!

- Você não sabe com quem está se metendo! – Completa prontamente outro garoto dos três que estão agredindo o garoto grandalhão, este com cabelos loiros e lisos, praticamente o príncipe encantado dos contos de fada e ainda mais alto que o ruivo. 'Será que só tem gigante nesta cidade?' Pensa Max um tanto quanto desconsertado.

- É – fala o terceiro garoto do grupo, motivado pelos outros dois. Este com cabelo castanho claro e enroladinho e este sim, um pouco mais baixo que Max que passa a se achar o tal olhando com desdém para o baixinho que, como se ensaiado completa o que os outros falaram -, nós mandamos nesta cidade!

- Isso é o que vocês pensam seus idiotas! – Fala uma voz surgindo do nada atrás de Max, que se vira imediatamente e vê uma menina com uniforme surrado e cabelos desgrenhados, parada com as mãos na cintura e pose ameaçadora.

- Cala a boca Anne! – Ordena o ruivo – Vai pentear este cabelo! – Seus amigos, como bons puxa-saco, riem.

- Cuidado Bruce – fala o loiro amedrontado -, a mãe dela é uma bruxa. Meu pai falou que ela enfeitiçou nossas vacas e está roubando nosso leite!

- Bobagem Michael! – Responde Bruce com a propriedade que seus treze anos podem lhe proporcionar – Isso não existe!

- Então – questiona Michael -, como a mãe dela vende queijo se elas não têm vaca? – Bruce perde a pose e fica olhando com cara de "não sei" para Michael.

- Se vocês não forem embora agora – grita Anne com raiva apontando o dedo para o grupo -, vou transformá-los em sapos verruguentos!

Os três garotos, tentando não demonstrar medo, mas, nitidamente apavorados se entreolham e saem apressadamente em descompasso, quase se chocando entre si e sumindo na multidão de alunos.

- Você está bem? – Pergunta Max ao garoto gigante que estava sofrendo bulling.

- Você tem que se defender Bentinho! – Fala Anne aproximando-se dos dois e dando um pequeno soco no braço do garoto grandalhão – Olha o seu tamanho... bateria fácil no três!

'Bentinho?' Fica se perguntando Max. 'Como Bentinho com este tamanho todo, será que estou em Itu e não sei? Certamente não quero conhecer o Bentão!'. Mas Bentão não é tão grande. É o pai de Bentinho e se chama José Bento King, mesmo nome de Bentinho que possui ainda um 'Junior' no final e, por isso mesmo, é chamado de Bentinho e seu pai, apesar de hoje ser menor que ele em estatura, é chamado de Bentão.

- Não posso! – Justifica Bentinho com uma voz tranquila e macia que contradiz com seu tamanho – Será melhor para mim e para minha família... deixa eles, eu não ligo!

Sua conversa é interrompida por uma garota alta e magra, com maquiagem escuta, roupas de couro preto e um sobretudo igualmente preto, que chega ao grupo sem cerimônias e fala:

- Max – chama sua irmã Luca -, não tenho as últimas aulas e vou embora. Quer que venha lhe buscar?

- Claro que não! – Responde Max irritado – Sabe que vou de skate!

- Então tchau maninho...

Ela vira-se nos calcanhares e sai com seu andar firme e sensual em direção ao estacionamento onde veste seu capacete, também preto e decorado com símbolos Wicca, e sobe em sua motoneta elétrica, saindo de forma que seu sobretudo torna-se esvoaçante.

Todos ficam boquiabertos com aquela garota diferente de todas as outras que moram em Avalon. Os garotos estufam o peito e endireitam as costas de forma

a exibir seus dotes físicos, mesmo que não os tenham. Alguns que estão com a namorada soltam um grito graças ao beliscão que levam por olhar o que não deve. Muitas das garotas cochicham entre si ou olham com cara de desdém. Luca realmente sabe chamar atenção.

Para um dos observadores, no entanto, a impressão foi maior ainda.

- Ela é um anjo? – Pergunta Bentinho nitidamente babando em seu uniforme escolar.

- Não! – Responde Max contrariado – É apenas minha irmã!

A atenção do momento é então novamente interrompida, desta vez por uma amiga de Anne que chega correndo ao grupo, bastante apavorada. Parando subitamente sem perceber que o garoto novato da escola está com eles, e fala:

- Souberam o que aconteceu? – Pergunta ela que só então se dá conta de Max, ficando nitidamente envergonhada e sem jeito, com o rosto vermelho. Na verdade, toda sua cabeça fica vermelha já que é uma garota bem loirinha com pele bem branca. Percebendo que sua amiga viera contar alguma novidade e, com a curiosidade feminina aflorando, Anne pergunta:

- Aconteceu alguma coisa July?

- Sim aconteceu! – Responde à loirinha encabulada - Algo terrível. Vocês não souberam?

CAPITULO 3

Max segue para casa equilibrando-se em seu skate passando pela cidade.

Em sua cabeça apenas o arrependimento de ser tão boca grande. Quando July, a amiga de Anne, contou sobre o desaparecimento de um tal de Rivanor, Max se gabou de conseguir facilmente entrar nos computadores da policia nas outras cidades onde morou e que fazia isso por diversão e também para se manter informado. Acabou chegando a triste conclusão de que as matérias jornalísticas, no geral, são terrivelmente incompletas ou incorretas.

Parece existir claramente uma tendência ao sensacionalismo e a focar, com todo o emprenho possível à equipe de jornalistas, em casos de violência e tragédias. Alguém mais paranoico poderia pensar, com uma boa dose de razão, que o objetivo de vida dos jornais em geral é causar pânico na população.